
**LITERATURA
E CIDADANIA
NO SÉCULO**

ENSAIOS

ORGANIZAÇÃO

CLARA ROCHA

HELENA CARVALHÃO BUESCU

ROSA MARIA GOULART

XX



Não tem sido suficientemente evidenciada a importância específica d'*A Vida Portuguesa* (1912-1915), boletim de "Inquérito à vida nacional" da Renascença que não só desdobrou a influência d'*A Águia* mas a complementou com diferenciada realização, insuspeitadamente proto-seareira. Tendo por director alguém que vai ser justamente o primeiro grande animador da *Seara Nova* - Jaime Cortesão - e que infatigavelmente a conduz nos desígnios fundacionais de análise da situação social portuguesa "sob o quádruplo aspecto do problema religioso, pedagógico, económico e social" e de tentar "resolvê-lo, em harmonia com o espírito moderno", *A Vida Portuguesa* abunda em textos relevantes na difusão de aspectos proto-seareiros da actividade da Renascença Portuguesa - em especial os muitos textos de Cortesão e da Redacção sobre os pólos e os cursos da Universidade Popular ou os de vulgarização científica a cargo de António Correia de Sousa, mas também os artigos de Leonardo Coimbra e de Augusto Martins sobre educação ou os de Albano de Sousa e de Álvaro Pinto sobre questões económicas.

Como lances dialécticos a caminho da *Seara Nova*, destacam-se nesse periódico: primeiro (1912-1913), o debate que, a propósito da oportunidade de acções comemorativas de heróis e efemérides dos Descobrimientos portugueses, torna patente o confronto entre a teleologia "actualista" do racionalismo programático de Sérgio e o enraizamento historicista e genuinamente lusíada do humanismo universalista de Cortesão; e, depois (1914), a diferida publicação dos contrastantes manifestos da Renascença Portuguesa elaborados em 1911, mas não dados a conhecer no lançamento da associação cívico-cultural, visto nenhum deles recolher o consenso dos principais promotores - o de Pascoaes, "Ao Povo Português. A Renascença Lusitana", deparando com a discordância de Proença e de Sérgio, e o de Proença, "Ao Povo. A Renascença Portuguesa", embatendo na oposição de Pascoaes e Cortesão, de Leonardo e Álvaro Pinto.

Esse gesto documental não fazia só memória de propostas cívico-culturais que conjunturalmente se tinham julgado projectos coincidentes e que n'*A Águia* se vinham a reconhecer concepções divergentes. Embora na precedente discussão se tivessem já extremado as premissas e perspectivas, até ao ponto

de Sérgio se permitir o desabafo "Só alcançaremos um viver decente quando atirmos completamente ao diabo o Historismo e o Saudosismo", a posterior decisão de trazer a público os dois textos programáticos testemunhava a persistência de uma dialéctica vontade de participar na acção intelectual contra os mesmos bonzos políticos e culturais, contra idênticos vícios de mentalidade e de sensibilidade, contra os mesmos facciosismos jacobinos e os mesmos interesses plutocráticos, e em favor de uma comum prossecução exigente dos ideais de justo desenvolvimento social no quadro da República demoliberal.

José Carlos Seabra Pereira em Clara Rocha, Helena Carvalhão Buescu, Rosa Maria Goulart (org.), *Literatura e Cidadania no Século XX - Ensaio*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2011, pp. 262-263.